

**D. SEBASTIÃO VOLTA DA GUERRA**  
(Um herói ituano da Revolução Constitucionalista de 1.932)

*Manoel Valente Barbas*

Jacinto Kerry Valente alistou-se na Revolução de 32, tão logo esta eclodira. Era dez de julho, um domingo, e ele, de folga na fábrica em que trabalhava, havia ido caçar passarinhos. Estava internado nas matas que beiravam a Lapa, redondezas de sua casa, armando arapucas para as pobres aves, quando o seu irmão mais novo, Albertino, o encontrou e lhe contou a notícia que se espalhara como fogo em palheiro: São Paulo, altas horas do dia anterior, se levantara contra o governo federal. Jacinto, mal ouvira as novas, pediu para o irmão levar para casa os seus apetrechos de caça e saiu apressado, regressando para a cidade. O irmão não conseguiu acompanhá-lo. Não imaginava, no entanto, que estava prestes a perdê-lo para sempre (nota 1).

Já no mesmo dia (10 de julho) estava ele inscrito nas fileiras paulistas (nota 2). Precipitação maior não houvera. Não por ser um jovem impulsivo; talvez, sim, por ser um homem maduro, reprimido. Tinha, então, 32 anos (nota 3) e era solteiro, desimpedido. Agiu rapidamente, levado por quem sabe instinto de libertação. Achara contra o que lutar abertamente, sem que fosse obstado pelo caráter ditatorial de sua mãe, inglesa, vitoriana, intransigente, que dominava os filhos com um simples olhar, fulminante.

Seu pai, Jacinto Valente Barbas, português, fora comerciante em Itu, SP., no final do século passado, início do atual (nota 4). Ali enriquecera-se e fizera erguer, em 1.890, um sobrado até hoje existente, na esquina do Largo da Matriz com a rua Paula Souza. Quem vai a Itu, é só chegar à praça principal, olhar para a parte baixa do largo, oposta à Igreja, e ver um sobrado diferente, de esquina, fugitivo do estilo colonial de tradição, com os beirais do telhado bordejados de filigranas em ferro fundido, mais parecendo um chalé alemão. Sobre a porta lateral deste sobrado, que dá para a rua Paula Souza, em uma espécie de bandeira feita de ferro batido, em meio a arabescos, aparecem as iniciais JVB - Jacinto Valente Barbas; na porta que dá para a praça, meio escondida, na lateral, à direita de quem olha o prédio, há outra bandeira de porta, muito semelhante à já citada, mas com a indicação do ano da construção: 1.890. Este português, após enviuvar de uma senhora da família Almeida Prado (nota 5), casara-se em segundas núpcias (já quarentão), com uma inglesinha de seus dezessete anos, que empregara anteriormente para

tomar conta de seus filhos; filha, ela própria, do chefe da manutenção das oficinas da São Paulo Railway, um tal de Thomas Kerry. De certo, encantara ao luso a solidez e segurança da moça inglesa. Mas esta, uma vez achando-se na posição de dona da casa, começou uma tirania de não ter mais fim: uma governanta inglesa que acreditava nos seus próprios métodos. Seu nome de nascença, na religião anglicana, era Flora, mas quando se casou foi batizada no catolicismo com o nome de Emília.



Sobrado da Praça Padre Miguel, esquina da Rua Paula Souza.



Isaura, Lidia, irmãs do herói.



Em Itu, SP, onde viveu, na infância, o herói de 32, Jacintho Kerry Valente (foto do início do século XX)  
Porta da Rua Paula Souza, 171, Itu, SP, cuja bandeira, em ferro batido, traz as iniciais JVB – Jacintho Valente Barbas



Bandeira da porta da casa onde viveu, na infância, em Itu, SP, o Herói de 32, Jacintho Kerry Valente

O pai do autor (nota 6), recém chegado de Portugal (1.895) para aprender o ofício de comerciante com o tio rico, maus bocados passou sob o regime inglês de sua tia nova que, entre outros “agrados”, gostava de deixar

sem comer quem, a seu julgamento, fizesse algo de errado. Aliás, castigo para ela dos mais próprios. Não seria necessário dizer que era desobedecida tão logo se distraia: fugas pela janela, na busca de belisqueiras do bar próximo, que é lícito se supor ser o do Alemão (Max Steiner) que no final do século passado ali já existia e que se tornou famoso pelo bom atendimento aos clientes (nota 7).

E assim os filhos foram nascendo e se criando, no regime do olhar mortífero com que contemplava os transgressores de sua lei dominadora (nota 8). Os seus filhos e enteados, estes então já mais crescidos, meninos ricos, usufruíam da boa situação comercial do pai. Pobres eram o pai e o tio do autor que trabalhavam em estágio não remunerado, de sol a sol, sob a orientação “pedagógica” da tal inglesa fuzilante.

Mas a sorte foi adversa. O português sofreu um golpe comercial; de repente, ficou pobre (nota 9). Imerso em dívidas, perdendo quase tudo o que possuía, mudou-se para São Paulo, Capital, em meio à maior desolação. Os filhos do primeiro casamento, já taludos, empregaram-se em Itu, mesmo, para sobreviverem; os “estagiários”, debandaram-se, conseguindo se sair bem, mais adiante (nota 10). Os rebentos mais recentes, da inglesa, vieram com o casal, tentar nova vida na Capital, cidade que por ser grande tudo esconde. Procuraram fazer sumir o seu infortúnio na Freguesia do Ó, primeiramente, e depois, na Lapa. Foi uma fase mais que dura, de empregos na indústria nascente, sem as prerrogativas de meninos ricos e das leis trabalhistas e sociais que então não existiam. Comeram cru o pão que o Diabo nem sequer amassara, mas lhes jogara encima.

E o tempo passou, esmagando duplamente aquelas crianças: com o trabalho duro para a garantia do sustento; com a dureza do regime que a mãe lhes impunha. Quando chegaram à mocidade, morre-lhes o pai, que sobrevivia de um emprego de escrivão no Cartório Civil da Lapa, valendo-se da prática da escrita, adquirida na contabilização de sua loja comercial. A mãe, então, redobrou a sua atitude, na condição de regente. Não permitia sequer que as filhas, bonitas que eram (com fotos que não mentem), se casassem. Afugentava-lhes os pretendentes e as pretensões. Controlava os salários de todos, em uma comunidade sem direito a votos.

E assim, a Revolução de 32 vem encontrar o jovem Jacintho, solteiro, com trinta e dois anos de idade, e vários sonhos a realizar, recalcados pela pressão do olhar esmagador da mãe. Era-lhe uma porta para a fuga. Alista-se e parte. Não se sabe o que a mãe disse, pensou ou fez. Talvez colhida pela surpresa, concordasse com o filho: era preciso lutar! E o mancebo partiu para a guerra e para a morte. Feliz, com a sensação de liberdade jamais experimentada. Estranho desígnio! Após dois meses, estava morto. E a família, passadas dezenas de anos, não sabia de seu paradeiro. Uma espécie de névoa cobriu-lhes o raciocínio. Aquele moço ficou sendo para os irmãos uma espécie de herói - duplamente herói, de 32 e vingador dos recalques familiares. Era-lhes impossível, portanto, que morresse. Não aceitavam a idéia de que, uma vez terminada a Revolução, não voltasse, por ter perecido. Achavam que o moço ficara mais algum tempo fora, para conhecer o mundo, respirando maravilhado na ausência dos raios mortíferos do olhar da mãe.

Dezenas de anos se passaram. Tal qual novo D. Sebastião, era aguardado a qualquer momento. - “Ele está vivo! Qualquer dia voltará” . Aliás, triplamente herói: de 32, vingador dos recalques familiares e reconquistador da fortuna perdida! Não procuraram notícias do morto, junto aos “canais competentes”. Não se esmeraram em o encontrar. - “Deixe-o para lá, livre do domínio materno!”. Se fosse encontrado, a mãe o alcançaria. Talvez esta já tivesse pressentido o que ocorrera, mas não aceitava que a morte tivesse desobedecido o seu olhar dominador. E se calou, participando daquela conspiração.

No início da década de setenta, caiu nas mãos de um sobrinho do herói, filho de um irmão do primeiro casamento do pai (nota 11), um livro chamado “Cruzes Paulistas” (ainda nota 2) que dá a lista fornida dos mortos de 32. Lá estava, clara e detalhadamente, a notícia não desejada, não procurada, intensamente repelida. Jacinto Kerry Valente, voluntário das primeiras horas, morto em combate em setembro do mesmo ano, estava enterrado no Cemitério da Cidade de Amparo, SP. Seguindo a notícia, a sua filiação, a sua irmandade , tudo por completo. D. Sebastião estava voltando, assim, da guerra!

Criado na atmosfera de mistério e sebastianismo em que os irmãos do herói o induziam, o autor mal acreditou na notícia. Quis constatar, pessoalmente. E transcorrida uma viagem de duas horas e meia, desde a Capital, estava diante do Cemitério indicado. Após algumas peripécias, foram-lhe mostrado, pela Administração da necrópole, os registros e, finalmente, o próprio túmulo (nota 12). Tudo jazia na mais santa paz, ordem e respeito. Mãos humanas, santa atitude, fizeram enterrar o moço morto em sepultura até então bem cuidada, simples a mais não poder, sólida caixa de alvenaria e forte argamassa, perfeitamente lacrada de todos os lados, caiada por cima. Sem um nome, uma cruz sequer. Nos registros do Cemitério, consta que o moço morrera, em combate, em 29 de setembro de 1.932. Somente fora trasladado no setembro seguinte, recebendo da Prefeitura a dádiva de um jazigo perpétuo. De certo, morrera o jovem, na linha de combate em alguma fazenda próxima e ali mesmo fora enterrado. Um ano após, acalmados os ânimos, conseguiu-se a condigna transladação. E o nosso herói alcançou permanecer no silêncio, todos esses anos. D. Sebastião repousando naquele longínquo e desconhecido “Norte da África” que lhe roubara a vida.

Já não havia então mistérios. Faltava somente compensar a memória do morto, de tantos anos de incredulidade. Porque, durante todos aqueles quarenta e tantos anos, foram memórias de vivo que lhe devotavam, nas quais não pode certamente descansar, vagando pelo mundo atrás de aventuras, imaginada pelos parentes. A família tinha, então, um herói vivo, imaginário. Restava dignificar o herói morto. Trazê-lo para o Mausoléum do Parque Ibirapuera; inscrever-lhe o nome no jazigo dos heróis.

Restavam-lhe poucos irmãos vivos, para contemplar o túmulo, com o olhar entre admirado e invejoso. Pois, enfim, o herói retornara e poderia repousar em paz, eternamente, em seu túmulo definitivo, na memória dos que lhe eram caros. Triplamente herói: de 32, dos recalques familiares e libertador desta vida que lhe foi adversa. Em paz, então, e para sempre.

E assim, Jacinto Kerry Valente foi conduzido ao Mausoléum do Soldado Constitucionalista, sob o Obelisco do Parque do Ibirapuera, no dia 23 de maio de 1.975, juntamente com outros companheiros retardatários, sob uma emocionante salva de tiros de fuzil (nota 13). Como complemento, a

Prefeitura Municipal de São Paulo deu o seu nome a uma pequena rua do bairro da Lapa, na Vila Leopoldina (CEP 05089 - 050), travessa da rua Guaipá, como homenagem de praxe que presta aos heróis mortos em 32. Inscrevam-se esses fatos nos anais históricos da mui honrada cidade de Itu, SP, Fidelíssima, gloriosa pelo seu passado e pelos atos de seus filhos!

-----



Placa da Prefeitura de São Paulo, homenageando Jacintho Kerry Valente, como herói de 32



Placas na esquina da Rua Guiapá com a Rua Jacintho Kerry Valente, Vila Leopoldina, Lapa, São Paulo, SP



Inscrições no jazigo de Jacintho Kerry Valente, No Mausoléum do Soldado Constitucionalista de 32, no Ibirapuera, São Paulo, SP

## NOTAS REFERENCIAIS:

1 - Estas informações familiares foram fornecidas ao autor, em entrevista, pelo irmão de Jacintho, Albertino Kerry Valente, atualmente já falecido, participante que foi dos acontecimentos. Muito interessante o detalhe de ter 9 de julho de 1.932 caído em um sábado (como realmente o foi) e a Revolução ter estourado de surpresa, altas horas da noite, pois se tal não fosse, não teria surpreendido o nosso herói, no dia seguinte, tão despreocupado, caçando passarinhos, nos arredores de casa.

2 - “CRUZES PAULISTAS - *Os que tombaram em 1.932, pela Glória de servir São Paulo*”, Propriedade e Edição da Campanha Pró-Monumento e Mausoléu ao Soldado Paulista de 32”, 1.936, Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunaes”, São Paulo: Na pág. 210, ao tratar de JACINTHO KERRY VALENTE, diz que este foi dos primeiros a se apresentar, no dia 10 de julho, sendo destacado para o Batalhão “Rio Grande do Norte”, na 3ª Companhia, sob o nº44. Partiu para uma das frentes do Setor Leste, no dia 15 do mesmo mês.

3 - O registro do nascimento de Jacintho Kerry Valente está no Cartório do Registro Civil de Itu, atualmente situado à Praça Anchieta, 64, Centro, Itu, SP, no Livro 09, fls. 082, sob nº 407. Nascido em 03/08/1899, filho de Jacintho Valente Barbas e Emília Kerry Valente; neto paterno de Francisco Valente Barbas e Maria de Oliveira, portugueses e maternos Thomaz Kerry e Rosina Kerry, ingleses.

4 - O autor tem em seu poder carta de 27 de janeiro de 1.900 ( descoberta pelo pesquisador piracicabano Jair Toledo Veiga) de Jacintho Valente Barbas ao Sr. Aquilino José Pacheco, de Piracicaba, oferecendo lajes e guias para pavimentação da cidade. Junto à carta, aparece um cartão da “PEDREIRA VALENTE - ITU”, de Jacintho Valente Barbas: “*Corta-se e remete-se com promptidão qualquer encomenda de pedra, lage ou cacos para alicerces*”. Essa pedreira é a famosa jazida de varvito de Itu, outra das grandes atrações turísticas da cidade que foi durante certo período propriedade de Jacintho que além do mais exercia o comércio de secos e molhados em sua Loja Valente, estabelecida no edifício da praça principal, referido no texto.

5 - A primeira esposa de Jacintho Valente Barbas foi Carlota de Almeida Prado, filha do casal Miguel de Almeida Prado e Maria Rosa Rodrigues de Vasconcellos (Genealogia Paulistana, Silva Leme, Vol. V, pág.44, item 9.4).



Tiveram os três filhos: Viriato (com descendência no Espírito Santo, Brasília e São Paulo), Bertha (surda-muda que morreu solteira) e João Valente de Almeida (com extensa descendência em Itu).

6 - O pai do autor, João Valente Barbas, nascido em Ovar, Portugal, veio para o Brasil, em 1.895, com 13 anos de idade. Traçamos rápido esboço de sua genealogia na “Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, 1.939 - 1.989), São Paulo, 1.991, pág. 484, quando tratávamos da genealogia da mãe do autor, no artigo “Descendentes do casal Joaquim Monteiro de Carvalho e Anna Constança de Souza Nogueira - Silva Leme, Título Bicudos, Vol. VI, pág. 402, item 11-2”. Jacintho Valente Barbas aparece no citado artigo, na pág. 485, item 6.1, quando tratamos do irmão deste, Manoel Valente Barbas, o primeiro deste nome, avô paterno do autor.

7- O restaurante que sucedeu ao famoso “Bar do Alemão” existe até os dias de hoje, no mesmo local da rua Paula Souza, antiga rua Direita, e é uma das maiores atrações turísticas da cidade. Começou como um bar, onde o proprietário, Max Steiner, ele próprio, fritava apreciados bifes junto à porta, para vender como guloseima a seus clientes.

8 - São filhos de Jacintho Valente Barbas e Emília Kerry: Isaura, Lydia, Jacintho, Carolina e Expedito Kerry Valemte (todos já falecidos).

9 - A má situação financeira de Jacintho Valente Barbas pode ser sentida através de diversos processos judiciais antigos, recolhidos ao Arquivo do Museu Republicano de Itu, movidos contra Jacintho Valente Barbas por credores. Citam-se, todos do 1º Ofício:

Ano	Maço	nº	Envolvidos	Assunto
1.901	160	03	Jacinto Valente Barbas	Penhora
1.901	160B	07	Manoel Rodrigues de Arruda Jacinto Valente Barbas	Ação Ordinária
1.902	163	03	Manoel Rodrigues de Arruda Jacinto Valente Barbas	Execução de sentença
1.902	163	03	Salvador Felizola Jacinto Valente Barbas e sua mulher	Ação Executiva Hipotecária
1.902	163	15	Manoel Rodrigues de Arruda Jacinto Valente Barbas	Execução de sentença
1.902	163+1 164-1	08	Jacinto Valente Barbas Manoel Rodrigues de Almeida	Agravo Comercial
1.902	166	01	Dr. João Martins Mello Júnior Jacinto Valente Barbas	Ação decendiária
1.902	166	02	Antônio da Costa Coimbra Jacinto Valente Barbas	Ação decendiária
1.902	166	03	José Luiz de Campos Jacinto Valente Barbas	Ação decendiária
1.902	166	04	Alexandre Brera Jacinto Valente Barbas	Ação decendiária
1.902	166	05	João Valente Barbas Ovarense* Jacinto Valente Barbas	Ação decendiária
1.903	166-A	03	João Valente Barbas Ovarense* Jacinto Valente Barbas	Execução de sentença
1.903	166B+1 167-1	06	João Antunes de Almeida e outros Jacinto Valente Barbas	Autos de execução
1.903	166B+1 167-1	07	João Valente Barbas Ovarense*	Execução de sentença

---

\* João Valente Barbas Ovarense era irmão de Jacinto e o acionava de Tovar, Portugal, onde residia então, após enriquecer-se em Itu, SP, como comerciante. Já estava em Itu em 1873: “Almanak da Província de São Paulo para 1873” – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

10 - Os “estagiários” da Loja Valente foram: José Maria Valente Barbas, tio do autor, que depois se mudou para Vitória do Espírito Santo e lá constituiu

família e desenvolveu as suas atividades comerciais e João Valente Barbas, pai do autor, que abriu em Itu a “Casa Alberto”, em sociedade com Alberto Gomes, negócio que se desenvolveu com grande sucesso, tornando-se o melhor magazine da cidade, nas décadas de 10 a 50. João Valente Barbas deixou a sociedade em 1.924, vindo com a mulher e a filha única, na época, para São Paulo, Capital, onde teve os restantes 5 filhos, estabelecendo-se após alguns anos, no ramo de construção de estradas.

11 - Este sobrinho do herói, trata-se do Prof. Olavo Valente de Almeida, já falecido, muito conhecido em vida, na cidade de Itu, SP, que ao morrer recebeu como homenagem o seu nome dado a uma Biblioteca local.

12 - Jacintho Kerry Valente estava enterrado no Cemitério das Saudades, em Amparo, SP, quadra 12, linha 1, 11ª sepultura, nº 22.639 (no livro de registro da Administração, constava na letra J, nº 37), quando a sua remoção foi solicitada pelo autor, para o Mausoléu do Ibirapuera.

13 - Existe em São Paulo, SP, a “Sociedade dos Veteranos de 32 - MMDC”, à rua Anita Garibaldi, nº 25, Centro, que promove o traslado dos restos mortais dos heróis de 32, para o Mausoléu do Obelisco do Parque Ibirapuera. Em 23 de maio de cada ano, traz o grupo os restos mortais que consegue localizar no decorrer do ano e os encerra em jazigos existentes no subterrâneo do Monumento, em cerimônia tocante, sob salva de tiros de fuzil.

-----